

# O BICHO DA FOLHARADA

ESTÓRIA DO FOLCLORE BRASILEIRO

um cordel de

**JUVENAL VERDADES**

**Ilustrações:  
Denyse Neuenschwander**



Bernardes, Juvenal

O Bicho da folharada [livro eletrônico] :  
estória do folclore brasileiro / Juvenal Bernardes ;  
ilustração Denyse Neuenschwander. -- Divinópolis,  
MG : Ed. do Autor, 2024. -- (Coleção a guerra do  
macaco com a onça)

PDF

ISBN 978-65-00-99624-1

1. Cordel - Literatura infantojuvenil
2. Literatura de cordel - Brasil I. Neuenschwander,  
Denyse. II. Título. III. Série.

24-201673

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura de cordel : Literatura infantil 028.5
2. Literatura de cordel : Literatura infantojuvenil  
028.5

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

**ISBN: 978-65-00-99624-1**



JUVENAL VERDADES  
ILUSTRAÇÃO DENYSE NEUENSCHWANDER

**Este cordel faz parte da coleção  
"A guerra do macaco com a onça"**

**Esta edição digital foi custeada  
com recursos da Lei Paulo Gustavo**

**Divinópolis - Abril/2024**



**PREFEITURA DE  
DIVINÓPOLIS**

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DA  
CULTURA



Neste cordel que começo  
Relatarei uma história  
Que o povo perpetuou  
Em sua vasta memória  
– E se o povo eternizou  
É porque merece glória.

Não sei se é verdadeira,  
Se dela existe vestígio  
Ou foto comprobatória,  
Mas a história é um prodígio,  
O leitor vai concordar  
Que ela merece prestígio.

Tudo se deu quando os bichos  
Falavam como os humanos.  
Há tempos! De lá pra cá,  
Se passaram tantos anos,  
Se esfarelaram verdades,  
Mentiras e desenganos.



Foi tempo de grande seca,  
Com a água ficando escassa,  
A comida se acabando,  
– Era uma enorme desgraça! –  
Os bichos, só pele e osso,  
Estavam que nem carcaça.

Quando tudo está perdido,  
E o mal se torna um colosso,  
Os mais fracos, que já vivem  
Com a corda no pescoço,  
Sofrem duas vezes mais  
E vão pro fundo do poço.

Porque nada é tão ruim  
Que não possa piorar  
E foi o que aconteceu  
Naquele triste lugar,  
Quando a tirana felina  
Decide as garras mostrar.

Vendo que a sede dos bichos  
Estava longe do fim  
A onça determinou:  
"Agora vai ser assim:  
Quem quiser beber da água  
Vai ter que pedir pra mim."

E assim aconteceu.  
A pintada montou guarda  
Lá na beirada do rio  
E pra sua salvaguarda,  
Ainda pôs uma placa:  
"Pertence à leoparda"

Os bichos se rebelaram  
Contra aquela ousadia,  
E em frente à furna da onça,  
Com faixas e gritaria,  
Houve manifestação:  
"Abaixo a tirania!"





Pressionada pelos bichos,  
A onça voltou atrás  
(A valentona, no fundo,  
Era grande ferrabrás)  
E revogou a tal lei.  
Havia, porém, um "mas"

A onça então discursou  
Como se fosse eleição:  
"Vou provar pra todo mundo  
Que tenho bom coração  
Deixo todos beber água.  
Mas... há uma exceção!"

Qual era a tal exceção  
Quiseram todos saber.  
A onça riu de socapa  
E começou a dizer:  
"O macaco continua  
Proibido de beber."

A coruja ponderou,  
No meio do zunzum:  
"Que vocês são inimigos,  
Já é assunto comum.  
Um não pode ver o outro  
Nem o outro ver o um..."

E a aranha tecedeira  
Da sua teia intercede:  
"Mas daí a proibir  
Que ele mate a sua sede,  
É crueldade demais.  
Não sei se isso procede."

Mas a onça retrucou:  
"Vocês têm de concordar:  
O macaco é um atrevido  
Que vive de enganar,  
Já enganou todo mundo  
E agora há de pagar."



Alguns bichos contestaram  
O que ia acontecer,  
Mas a grande maioria  
Preferiu se abster.  
A raposa então falou:  
"É bom, pra ele aprender!"

O bode aproveitou  
Arrematando com esta:  
"A pintada é gente fina,  
O macaco é que não presta.  
Quem mandou ele aprontar  
Fazendo a onça de besta?"

Quando a notícia chegou  
Aos ouvidos do macaco,  
Ele, dando uma risada,  
Disse coçando o sovaco:  
"Vou mostrar pra essa onça  
Que é mais embaixo o buraco."

“Quem pôs a água no mundo,  
Foi Deus, o Nosso Senhor.  
Ele fez isso de graça,  
Não estipulou valor,  
Água é dádiva divina,  
Não posse de um ditador.”

“Se a água é de todo mundo,  
É do macaco também.  
Eu bebo quando quiser,  
Não vou pedir pra ninguém.  
Eu aposto com vocês  
Que a onça não me detém.”

A onça, sabendo disso,  
Preparou uma tocaia:  
Escolheu pra sentinela  
A pequenina jandaia  
E depois foi se esconder  
Atrás de uma samambaia.



Com a onça vigiando  
Dia e noite, noite e dia,  
O simão ficou sedento,  
Foi grande a sua agonia.  
Já tinha bicho dizendo  
Que ele não aguentaria.

Foi então que uma ideia  
Nasceu em sua cachola.  
Pulando de galho em galho,  
Saiu dando cabriola,  
Foi procurar qualquer coisa  
Que lhe servisse de cola.

Achou foi mel de abelha  
Que servia pro seu plano  
Sujou as mãos no melado  
E o corpo foi besuntando.  
Cobriu-se todo de mel,  
O rabo ficou faltando.



Rolou sobre as "folhas secas  
Caídas de uma mangueira" (\*)  
Matutou: "Isso dá samba!  
E um samba de primeira!"  
E riu, coberto de folhas:  
"Vai começar a zoeira!"

Coberto dos pés à testa  
Com aquela folharada,  
O macaco bem janota  
Foi andando pela estrada,  
Deixando em alvoroço  
O resto da bicharada.

Todo mundo que olhava  
A estranha criatura  
Desfilando pela mata  
Com tanta desenvoltura  
Ficava de boca aberta  
Fazendo conjectura.

*(\*) Folhas secas - Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito.*

A coruja disparou:  
"Eu nunca vi bicho assim!  
Será que esse bicho é bravo?  
Será que é bicho ruim?"  
O boi também estranhou:  
"Será que come capim?"

O bicho não lhes deu bola,  
Foi direto para o rio.  
Ao vê-lo, a onça assustou  
E sentiu um calafrio.  
Olhou de cima pra baixo,  
Olhou de fio a pavio.

"Como se chama, parceiro?"  
Foi perguntando a pintada.  
O macaco olhou pra ela  
E com a voz engabelada  
Respondeu num tom macabro:  
"Sou o bicho folharada."



A onça se encalacrou:  
"Nunca ouvi falar do cujo.  
Um bicho tão esquisito,  
Com aparência de sujo!"  
Não via que o folharada  
Era o macaco intrujo.

O macaco aproveitou  
O vacilo da pintada:  
"Vou beber um pouco d'água,  
Tô com uma sede danada."  
"Amigo, beba à vontade",  
Disse a onça, educada.

Depois de matar a sede  
E dar fim ao sofrimento,  
O macaco disse assim:  
"A água está um portento,  
Perfeita para um mergulho,  
Um banho gostoso e lento."

E sem esperar resposta,  
Foi dando um grande finquete.  
Mergulhou, nadou de costas,  
Se divertiu pra cacete.  
E o mel que prendia as folhas  
Derreteu que nem sorvete.

A onça e os outros bichos  
Olhavam sem entender,  
Porque nunca tinham visto  
Algo assim acontecer:  
A pele de um animal  
Com a água se desprender.

Quando as folhas se soltaram,  
A bicharada sacou:  
O tal bicho era o macaco  
Que tão bem se camuflou  
Debaixo da fantasia  
Que ele mesmo inventou.



Neste momento o macaco  
Revelou a artimanha,  
Saiu pela outra margem,  
E gritou assim, com manha:  
" E agora, dona mandona,  
No final, quem é que ganha?"

A onça e a bicharada  
Faziam cara de besta.  
O macaco mostrou língua,  
Soltou pum e fez a festa  
E depois falou bem sério  
Pra todos lá da floresta:

"Na floresta onde eu vivo  
Quem governa é a liberdade,  
Ditador aqui não manda  
Nem impõe autoridade,  
Pois tirano só faz medo  
Em bicho que é covarde."

“A água é de todo mundo,  
Precisa ser preservada,  
Todos nós temos direito  
De beber água tratada,  
Tanto a onça e o macaco  
Quanto o bicho folharada.”

Depois disso deu um pulo,  
Trepou num jequitibá,  
Agarrou-se num cipó  
Indo daqui pr’acolé.  
E a fama do folharada  
Na memória ficará.

A história do folharada  
Ensina grande lição:  
A água é um raro tesouro,  
Para a sede é solução.  
Mantê-la limpa e potável  
É nossa obrigação



Assino este cordel  
Fazendo justa homenagem  
Às faxineiras do ar,  
Rainhas de alta linhagem,  
Que pra limpeza do mundo  
Emprestam sua ramagem:

J acarandá, caviúna,  
U mbuzeiro, jatobá,  
V inhático, pau-brasil,  
E mbaúba, baobá,  
N ogueira, pequi, peroba,  
A ngico, ipê, andiroba,  
L ixeira e jequitibá.



## JUVENAL VERDADES

é o pseudônimo com que Juvenal Bernardes assina seus cordéis. Ex-professor, Juvenal é palhaço, contador de estórias, ator e escritor.

Publicou “Aldebarã” (2013), seu livro de estreia. Na literatura de cordel, publicou “A guerra do macaco com a onça” (1ª edição – 2018); “Cordel Patrimonial” (2019), “Contos populares em cordel” (4 volumes – 2021); “Tato, o tatu” (2021), “Os dois compadres” (trilogia, 2024); “O cabo que chutou a mulher” (2024), “A estória de João de Ferro: o homem selvagem” (2024), todos pela Manuguita Edições.

## DENYSE NEUENSCHWANDER

quando criança, era tímida e retraída. Ao invés de falar ou escrever, colecionava imagens que ela própria desenhava, pintava, modelava... O que amava fazer quando criança, transformou-se na paixão que, hoje, ilumina seu trabalho como ilustradora, artista visual, designer gráfica.

Malabarista de cores, poeta de formas, captura as imagens que – furtivas borboletas – brincam em seus sonhos. Ilustrar é o modo que encontra para agradecer aos pais pelo incentivo para as artes.

# A ONÇA E O MACACO

*Juvenal Verdades*

(cantar ao ritmo de ASA BRANCA, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

Quando a onça e o macaco  
Se encontram no sertão,  
É briga certa, que sai faísca,  
Qual desses dois é mais brigão? } 2 vezes

Uma vez, sem que soubessem,  
Construíram um barracão,  
Moraram juntos na mesma casa,  
Mas não deu certo, que confusão! } 2 vezes

*pula - salta - urra - vira  
vira - urra - salta - pula*

Certa feita a dona onça  
Entrou dentro de um caixão,  
Fingiu de morta, soltou um pum,  
Que coisa feia, que papelão! } 2 vezes

O macaco é muito esperto,  
Vive de enganação.  
Tome cuidado, senhor macaco,  
Que a onça é brava, mais que o leão! } 2 vezes

*pula - salta - urra - vira  
vira - urra - salta - pula*

## A GUERRA DO MACACO COM A ONÇA

É uma coletânea que reúne 5 deliciosas histórias de dois dos mais conhecidos personagens do imaginário cultural popular. Nesta coleção, elas são recontadas em com o charme e a beleza que só a poesia de cordel possui. “A guerra do macaco com a onça” é composta dos seguintes livros:

A casa do macaco e da onça

O bicho da folharada

O funeral de dona onça

O cabo de guerra do macaco

Peripécias do macaco e da onça

## A LITERATURA DE CORDEL

Literatura de cordel é um ramo da poesia popular e sua origem remonta à divulgação das histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando e transmitindo, de forma oral ou escrita. Engloba desde os romances populares às novelas de cavalaria, narrativas de amor, casos misteriosos e fantásticos, guerras, viagens ou conquistas marítimas.

O nome "cordel", utilizado desde o século XVIII, em Portugal, refere-se aos poemas presos por um pequeno cordão ou barbante, em exposição nos lugares onde eram vendidos. Não há registro de que essa prática tenha ocorrido no Brasil. Apesar disso, o nome "cordel" acabou definitivamente associado a estes poemas, popularizados no Nordeste com o nome de folhetos.

## CURIOSIDADES SOBRE O CORDEL

**SEXTILHA:** o cordel que você acabou de ler é escrito em SEXTILHAS, ou seja, estrofes de 6 versos. Na sextilha do cordel, há um esquema de rimas fixo conhecido por: **xAxAxA**.

Sabe o que isso significa: os versos 1, 3 e 5 são representados por X e não rimam; já os versos 2, 4 e 6 são os versos que rimam e são representados pela letra A.

**REDONDILHA:** percebeu que o cordel possui um ritmo muito marcante? Um dos segredos para isso é que todos os versos do poema possuem a mesma quantidade de **SÍLABAS POÉTICAS**, cuja contagem é um pouco diferente das sílabas gramaticais. O verso de **7 SÍLABAS POÉTICA**, o mais popular de todos, é chamado de **REDONDILHA MAIOR**.

**ACRÓSTICO:** na última estrofe do poema, o nome do autor aparece escrito na vertical, usando as iniciais de cada verso? É um **ACRÓSTICO** e é uma forma que os poetas usam para assinar seus cordéis. Que tal escrever uma estrofe fazendo um acróstico com seu nome?

© Juvenal Bernardes



juvenalbernardes@gmail.com



# FICHA TÉCNICA

**"O BICHO DA FOLHARADA"**  
JUVENAL VERDADES

**ILUSTRAÇÃO**  
DENYSE NEUENSCHWANDER

**CARICATURA DO AUTOR**  
EVANDRO ROCHA

**DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO**  
JIDDU SALDANHA

[CLIQUE AQUI](#)



MANUGUITA EDIÇÕES Rua Maranhão 764 – Jardim América  
Divinópolis / MG – 35.500-029 (37) 98846-6921  
juvenalbernardes@gmail.com